

# Era isso o que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência\* **1**

---

Ellika Trindade\*\*  
Maria Alves de Toledo Bruns\*\*\*

## RESUMO

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. *Era isso o que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência.*

Este estudo teve como objetivo ampliar a compreensão do fenômeno maternidade e paternidade na adolescência.

Ouvimos o discurso de 20 jovens do sexo feminino e jovens do sexo masculino, e os analisamos por uma perspectiva fenomenológica.

Concluimos que a maternidade e a paternidade durante a adolescência são vividas inicialmente de maneira angustiada e conflitante. De um modo geral, as famílias, após a reação inicial desfavorável de surpresa e recriminações, incentivaram o casamento como um meio reparador.

---

\* Pesquisa financiada pelo CNPq, no período de fevereiro de 1993 a março de 1994. Pesquisa apresentada como Monografia pela aluna, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, em Março de 1995.

\*\* Aluna do 5º ano de Psicologia.

\*\*\* Dra. em Psicologia Educacional. Docente do Depto. de Psicologia e Educação da FFCL-USP, campus de Ribeirão Preto.

Recebido em 15.09.95

Aprovado em 17.10.95

Constatamos também que a ausência de uma efetiva orientação sexual nas famílias e escolas impede, muitas vezes, o vivenciar mais autêntico da sexualidade dos jovens.

**Palavras-chave:** adolescência: maternidade e paternidade, educação sexual, sexualidade.

### SUMMARY

TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. *Is that Wanted? A study of motherhood and fatherhood in the adolescence.*

The present study was aimed at extending the comprehension of motherhood and fatherhood in the adolescence.

Data was gathered by listening to 20 female and 4 male youths, whose discourses were analysed through a phenomenological perspective.

We concluded that motherhood and fatherhood in the adolescence are firstly experienced as distressful and conflicting. For the most part, the youths families encourage marriage as a compensatory solution, after their initial disapproving reaction of surprise and reproach.

We could also verify that the of an efective sexual orientacion with- in the families and schools is likely to hinder the youths' from experiencig sexuality more authentically.

**Key-words:** adolescence: motherhood an fatherhood, sexual education, sexuality.

### INTRODUÇÃO

Este estudo buscou ampliar horizontes de compreensão em relação à sexualidade do adolescente hoje. Assim, interrogamos: Que é gravidez precoce? como a garota experiencia a maternidade? E o garoto, como vivencia a paternidade? Que significados o adolescente atribui à maternidade e à paternidade?

Movidas por essas interrogações, realizamos o presente estudo, visando compreender a maternidade e a paternidade na adolescência com base na experiência dos próprios adolescentes.

## PRÉ-REFLEXIVO

O pré-reflexivo é o momento inicial da pesquisa. O pesquisador Parte de um questionamento, de uma pré-reflexão visando uma inteligibilidade do fenômeno interrogado. No nosso caso, a maternidade e a paternidade na adolescência.

Historicamente, vários autores buscam definir o que viria a ser a adolescência. STONE & CHURCH (1992), definiram-na como uma fase do desenvolvimento humano localizado entre a infância e a fase adulta, mas diferenciaram os termos pubescência, puberdade e adolescência.

A *pubescência* seria o período referente a aproximadamente 2 dos anos precedentes à puberdade, momento este em que começaria a ocorrer uma série de mudanças como o crescimento físico, maturação de características sexuais primárias e secundárias, culminado com a *puberdade*, em que há um climax dessas mudanças, sendo os indicadores de maturidade sexual: a menarca nas meninas e a produção de espermatozoides nos meninos, entre outros sinais. Nesse sentido, para esses autores, *adolescência* seria o período que se inicia com a explosão de crescimento na puberdade e termina com uma completa maturidade social, sendo essa base entendida como um fenômeno cultural, uma vez que as mudanças biológicas são vistas de forma diferentes, variando de cultura e de época.

Para Stanley Hall (*apud* GALLATIN, 1981) e FREUD (1982), as mudanças vividas pelos jovens nesse período seriam responsáveis por um comportamento tumultuoso e contraditório.

Já para ERIKSON (1971), o principal acontecimento nesse período seria a formação da identidade, em que o adolescente passaria por um processo de elaboração das experiências vividas, tanto no que se refere às opiniões de outras pessoas, como também em relação às próprias idéias a respeito de si, sendo influenciado por aspectos profissionais, ideológicos, religiosos, sexuais, etc.

ABERASTURY & KNOBEL (1981) mostram que na adolescência ocorre a chamada “síndrome normal da adolescência” que se caracteriza Pelos jovens muitas vezes apresentarem comportamentos semelhantes ao de um quadro patológico, que, no entanto, por serem passageiros, são considerados normais. Para esses autores, os acontecimentos marcantes nessa fase são a formação da identidade e o processo de luto pela infância perdida.

Tendo iniciado o processo de mudanças fisiológicas e psicológicas, para o adolescente é necessário um período a fim de que possa elaborá-las, internalizá-las a percebê-las como suas. É claro que esse processo não ocorre de uma só vez, e é por isso que o jovem ora apresenta um comportamento mais infantil, ora deseja ser tratado como adulto.

Tendo em vista tais considerações iniciais, é importante aprofundarmos nossa reflexão sobre como o adolescente vivencia essas mudanças nos dias de hoje. Mais ainda: qual é a reação de uma garota quando fica sabendo que está grávida? Como é vivenciar as mudanças do corpo e enfrentar a inserção no mundo adulto? Qual é a reação do companheiro? Como enfrentar a família? E para o rapaz? como é ser pai adolescente?

Essas indagações levaram-nos a realizar essa pesquisa em que buscamos, baseando-nos no discurso de adolescentes que estivessem vivenciando a maternidade ou a paternidade, ampliar nossa compreensão a respeito desse fenômeno.

Torna-se importante pensar o contexto em que a gravidez ocorre hoje, uma vez que desde muito tempo a mulher teve e tem seu papel social vinculado à sua característica biológica de geradora da vida. Desse modo, até recentemente a mulher era educada para casar e ter filhos, sendo que ao homem era destinado o papel de provedor, tendo em vista que sua força física sempre foi culturalmente utilizada em nossa sociedade para que ele cumprisse tal função.

As mudanças tecnológicas que ocorreram no século XIX e a Revolução Sexual, acentuada a partir da década de 70, demarcaram profundas mudanças no modo de ser de homens e de mulheres no que diz respeito à expressão da sexualidade. O homem não mais precisa usar tanto sua força física para prover o lar de alimentos e roupas. Além disso, a mulher começa, gradativamente, a ampliar seu espaço de ação, partindo para o mercado de trabalho, junto ao homem.

Após a década de 60, a mulher passa a ter mais liberdade sexual, a pílula anticoncepcional possibilitou-lhe concretizar sonhos e desejos de poder vivenciar sua sexualidade sem riscos de uma gravidez indesejada.

Os papéis legados pelas gerações anteriores ainda hoje se entrelaçam e desenlaçam num vai e vem de comportamentos em que não é raro encontrarmos um rapaz sendo educado para ser o provedor, responsável, assim, pelo trabalho fora de casa. Ele deve mostrar sua virilidade e força mediante uma sexualidade ativa. Desde pequeno é incentivado a ser forte, corajoso; do mesmo modo, a garota é educada para ser passiva, tranqüila, cordial, brincando com bonecas e preparando-se para o casamento e para procriar os futuros filhos. Concomitantemente, assiste, em sua novela preferida, ao sucesso da heroína que, dinamicamente, é uma bem sucedida

mulher de negócios, independente, arrojada, livre para escolher. Muitos conflitos surgem destas contradições, pois, além de passar pelas mudanças fisiológicas e psicológicas, a garota ainda enfrenta padrões ambíguos na formação de sua identidade.

Assim, a jovem enfrenta mais um desafio na vivência de sua sexualidade. Além da ambigüidade social, condenação e incentivo ao sexo veiculado pela mídia falada e escrita, enfrenta também a dubiedade introjetada: sexo e culpa, que nor acompanha desde o nascimento da família buguesa. Esse modo negativo de se relacionar com o sexo permeia nossas idéias e valores que se materializam em práticas sociais, isto é, em modos de expressarmos nossa sexualidade. O casamento, em que pese os desencontros e desencantos, continua sendo legalmente legitimado para o exercício das relações sexuais.

Por outro lado, as contradições se fazem apresentar. Atualmente, as garotas têm maior acesso aos anticoncepcionais, o que sem dúvida lhes trouxe maior liberdade, permitindo-lhes a opção de ter relações sem risco de gravidez antes do casamento. Entretanto, as estatísticas mostramram-nos que as relações sexuais ocorrem sem uma prevenção. Segundo levantamento estatístico realizado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) (LAGOA, 1991), são feitos 1 milhão de partos por ano em mães adolescentes. Outro número bastante preocupante é o de abortos: de 15 milhões de garotas com idade entre 10 a 19 anos, calculado pelo IBGE, 130 mil já praticaram abortos espontâneos ou provocados, aproximadamente de cada 100 abortos, 2,5 são de adolescentes. Estes dados nos mostram que as relações sexuais estão ocorrendo, entretanto, muitas adolescentes não têm tornado precauções em relação à possibilidade da gravidez.

Quando esta ocorre, a sexualidade da garota, assim como a do garoto, que os pair fazem de conta que não existe, é denunciada às claras. Só que há uma diferença marcante, a garota é muito mais cobrada em relação à responsabilidade, já que sua sexualidade não é vista com bons olhos e é ela quem fica grávida. A prática da sexualidade dos rapazes é vista com certa benevolência e incentivo, pois seu exercício mostra sua masculinidade, virilidade, fator essencial para a formação da identidade do futuro adulto. E para a garota? A expressão de sua sexualidade é vista de maneira mais ambígua e contraditória. Ela deve ser sedutora mas ao mesmo tempo passiva, de preferência não deve ceder aos desejos do parceiro para mostrar-lhe que não é uma “garota fácil”. Pais e professores silenciam e raramente lhe falam sobre métodos anticoncepcionais, afinal fazer isso seria encarar a possibilidade de que os jovens são seres sexuais. No entanto, o fato de não se falar de sexuali-

dade não tem impedido os adolescentes de terem relações sexuais. O agravante denunciador dessas relações é que são realizadas sem uso de método anticoncepcionais. Quando os jovens fazem uso deles, os pais dissimulam que desconhecem tal prática. Tudo é velado ao mesmo tempo em que tudo acontece.

Estudos (TAQUETTE, 1991; TAKIUTI, s/d; VITTIELLO, 1988), nos vêm mostrando que o grau de informação sexual existente entre os jovens é pouco frente às suas reais necessidades. Entretanto, ressaltam também que mesmo os adolescentes que possuem informações, ou que dizem possuí-las, têm dificuldades para usá-las na vida cotidiana. Dessa forma estes estudos evidenciam que é necessário mais do que uma aula de anatomia ou fisiologia. Torna-se essencial aliar informação com discussão, orientação para os jovens colocarem suas dúvidas, medos, preocupações e também para que possam relacionar as informações com suas experiências afetivas e sexuais.

Esses autores vêm nos alertando que a gravidez nesse momento do desenvolvimento pode ter uma série de significados para a garota como por exemplo alcançar a independência da família, provar sua capacidade de gerar uma criança, ou seja não necessariamente ao falarmos de gravidez na adolescência estamos falando em gravidez indesejada. No entanto é importante refletirmos até que ponto esse desejo é real, no sentido de conduzir com o momento e contexto em que a jovem vive. Muitas vezes ela não pensou na reação do companheiro, da família e no que a gravidez acarretaria para seu projeto de vida que inclui sem dúvida alguma, o profissional.

TAKIUTI (s/d) mostra de maneira muito clara a confusão de relações da jovem ao saber que está grávida. Vivendo um momento de mudanças onde tem muito de criança e algumas características de adulto, é comum a jovem negar a gravidez, achando que o atraso na menstruação é causado por algum outro motivo, muitas vezes a garota não associa a gravidez à relação sexual. O que acontece é que geralmente, o acompanhamento pré-natal só começa quando a gravidez já está mais adiantada, sendo este um dos principais fatores de risco da gravidez na adolescência.

A este junta-se a falta de oportunidades de diálogo com a família, a rejeição por parte do companheiro. Desse modo a jovem vê-se diante de pressões psicológicas somadas aos transtornos de ter que abandonar os estudos, cuidar do filho, a dificuldade de conseguir um emprego. Ao mesmo tempo, a mídia incentiva cada vez mais o exercício da atividade sexual, seja por intermédio de novelas, filmes, ou de propagandas em que

muitas vezes o erótico se confunde com sexo explícito. Os jovens são incentivados a terem relações sexuais e ao mesmo tempo não possuem espaço para refletirem sobre essa prática.

Diante desse contexto, realizamos esta pesquisa buscando compreender não só como as adolescentes vivenciaram a gravidez na adolescência, irias também como os rapazes enfrentam esse momento.

## METODOLOGIA

Utilizamos a trajetória fenomenológica proposta por Joel Martins e, (MARTINS & BICUDO, 1989) uma vez que esta nos possibilita ampliar a compreensão em relação ao fenômeno indagado.

A fenomenologia é uma maneira de ver o mundo voltada para a sua compreensão e interpretação. É entendida também como uma metodologia de pesquisa, propondo um método de compreensão do fenômeno interrogado, focalizando a experiência e sua significação. Fenômeno, do grego *phaenomenon*, é tudo aquilo que se mostra, o que se revela a consciência. Assim, a fenomenologia abordará o fenômeno tornando-se por base a experiência que a consciência possui dele. Ela busca chegar à compreensão de um fenômeno da maneira como ele se mostra à consciência, tal como é percebido e relatado pelo sujeito que o experiencia.

Nesse sentido, torna-se essencial o discurso do sujeito que experiência e/ou experienciou o fenômeno interrogado, razão pela qual ouvimos o discurso de sujeitos que experienciaram a maternidade e a paternidade na adolescência.

Para realizar esta abordagem, o pesquisador deve realizar a redução fenomenológica, a *epoché* ou suspensão, de modo que seus juízos, preconceitos e idéias interfiram o inímo possível na apreensão do fenômeno.

Serviram de trilha na trajetória em busca da compreensão da maternidade e paternidade na adolescência as categorias *autenticidade* e *inautenticidade* propostas por Heidegger (*apud* BEAINI, 1981 e MENEZES JR, 1987).

Em estado inicial de autenticidade, ou seja, lançado ao mundo sem consciência de suas possibilidades enquanto ser, o homem tem aberto diante de si o processo de caminhada rumo à autenticidade.

Para BEAINI (1981), a linguagem é o que diferencia o homem dos outros seres vivos, e sua manifestação característica de um estado inautêntico é a tagarelice, ou seja, o uso do discurso dos outros, uma vez que

neste estado, o homem tem como referência os outros e não a si mesmo. É ao longo da vida, com suas experiências, que o homem pode vir a trilhar o caminho em direção à autenticidade. Assim, o estado de inautenticidade faz parte da existência de todo homem.

A autenticidade é um estado de consciência do homem em relação às suas possibilidades de existência que é marcada pela morte. O despertar da autenticidade vai fazendo com que o ser humano compreenda que, apesar de não ter participado ativamente de seu lançamento no mundo, possui responsabilidade em relação ao seu projeto de vida. Essa trajetória é permeada pela *angústia*, sentimento que permite ao ser humano perceber-se no seu modo de existir inautêntico, a fim de vir-a-ser autêntico.

## Sujeitos

Participaram desse estudo 24 jovens que se dispuseram a relatar suas experiências. Desses, todas pessoas conhecidas, 10 foram contactados com base em um conhecimento prévio na própria universidade; os outros 14, foram convidados a participar da pesquisa e voluntariamente dispuseram-se a relatar suas experiências.

Do total, 20 pertenciam ao sexo feminino com idade entre 15 a 21 anos.

Com relação ao grau de escolaridade, 7 (sete) possuíam o 1º grau incompleto, 5 (cinco) o 2º grau incompleto, 1 (um) o 2º grau completo e 7 (sete) o 3º grau incompleto. Com relação ao nível sócio-econômico 9 (nove) sujeitos do sexo feminino eram de classe sócio econômico de média renda, e 11 (onze) eram de classe sócio-econômico de média baixa renda.

Participaram 4 sujeitos do sexo masculino com idade entre 18 e 21 anos, dos quais 3 (três) possuíam 3º grau incompleto e 1 (um) possuía 1º grau incompleto. Com relação ao nível sócio-econômico 3 (três) pertenciam à classe sócio-econômica de média renda e 1 (um) de baixa renda.

## Instrumentos utilizados

Utilizamos a entrevista para apreendermos as experiências dos sujeitos em relação à maternidade e à paternidade e utilizamos a questão

“*Como você está experienciando e/ou experienciou a gravidez?*” para mediar o encontro com as garotas e a questão “*Como você está experienciando e/ou experienciou a paternidade?*” para os rapazes.

Importa destacar aqui que a pesquisa pretendia entrevistar os garotos que engravidaram as garotas. Entretanto isso não foi possível e os motivos apresentados pelas garotas foram: abandono por parte dos parceiros e/ou o rapaz preferiu não participar. Dessa forma, foram obtidas apenas 4 entrevistas dos rapazes. O silêncio dos garotos chamou-nos a atenção, razão por que nos lançamos às seguintes indagações: O que leva o rapaz a silenciar-se em relação à gravidez da parceira? Como vivencia ele a paternidade? Afinal, que é paternidade na adolescência? Estas são questões que ainda estão sem respostas, mas que nos movem a aprofundar nossos estudos na pós-graduação.

As entrevistas foram gravadas em cassete e, em alguns casos, quando os sujeitos não permitiram a gravação, a transcrição ocorria concomitante à entrevista. Todas ocorreram no ano de 1992.

### **Momentos da análise dos discursos**

Após a transcrição, os discursos foram submetidos aos momentos da análise e vão descritos a seguir:

- Leitura das entrevistas do princípio ao fim com o intuito de apreender o sentido e o significado do discurso numa perspectiva global.

- Releitura dos discursos visando discriminar as “unidades de significado” por uma perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno estudado. Essas unidades ocorrem sempre que o pesquisador percebe uma mudança psicológica e sensível de significado da situação para o sujeito. A realidade psicológica na pesquisa qualitativa não está pronta, mas é construída pelo pesquisador no decorrer da análise.

- Após a obtenção das unidades de significado, buscam-se as convergências entre as unidades identificadas e expressa-se o significado contido nelas (análise ideográfica\*).

---

\* ANÁLISE IDEOGRÁFICA-Corresponde à compreensão de idéias, ideologias que permeiam o discurso de cada sujeito (MARTINS & BICUDO. 1959. p. 100).

- Síntese de todas as unidades e integração dos *insights* nelas contidos, transformadas em uma descrição consistente da estrutura situada no fenômeno, ou seja, nesse momento, obtêm-se a essência do fenômeno interrogado (análise nomotética\*).

## APRESENTAÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO

### 1 - Sentimentos das garotas em relação à gravidez

*Ishtar*,\*\* grávida com 20 anos, 3º grau incompleto, o filho tem três anos.

“Quando eu soube que estava grávida, fiquei desesperada. Pensei na minha barriga grande, na cara das pessoas quando soubessem, e na minha vida que iria mudar bastante - casamento, responsabilidade, vida a dois... No início achava que a coisa não era séria, que aquilo não podia ser verdade”.

*Tamires*, 16 anos, 2º grau incompleto, 8º mês de gravidez.

“Querida?... Não era assim que eu queria, assim sabe, *aconteceu*... no começo quando eu fiquei... grávida... eu tentei tomar algum remédio, mas no fundo eu não queria tirar... o bebê... eu queria ter, né?”.

*Jocasta*, 18 anos. 2º grau incompleto, 6º mês de gravidez.

“Eu pensei que não iria acontecer comigo...”

*Pamina*, grávida com 17 anos, 2º grau incompleto, o filho tem 1 ano.

“Eu não pensei se eu podia ficar grávida, nem passou pela minha cabeça. (...) Eu não quis tirar... o bebê... não...”.

---

\* ANÁLISE NOMOTÉTICA-O termo nomotético deriva-se de *nomos* que significa uso de leis. Trata-se então de uma compreensão dos aspectos mais gerais do fenômeno estudado (MARTINS & (BICUDO, 1989, p. 105).

\*\* Todos os nomes utilizados são fictícios de maneira a preservar a identidade dos sujeitos.

*Perséfone*, 17 anos, 2º grau incompleto, 6º mês de gravidez.

“Quando recebi a notícia da gravidez só pensava em aborto (...) eu não cheguei a tentar o aborto por falta de coragem (...) Só parei de pensar em aborto, de chorar, quando sente proteção dentro de casa.”

## 2 - As jovens frente à reação dos familiares

*Jocasta*, 18 anos.

“Minha mãe no começo não acreditava muito, achava que tinha que casar, que o pai tinha que assumir (...) meu pai não aceita muito (...)

*Ishtar*...

“(...) a reação da minha sogra foi tão violenta que não sobrou coragem para contar para minha própria mãe (...) ela... a sogra... sempre me culpando muito...”

*Penélope*, 19 anos, 2º grau completo, filho recém-nascido.

“No começo receberam mal a notícia (...) depois foram se acostumando com a idéia, todo mundo me apoiou”.

*Helena*, 17 anos, 1º grau incompleto, 4º mês de gravidez.

“Com a minha mãe foi tudo bem, ela foi muito boa. Meu pai queria me matar, é dessas pessoas preconceituosas. Até hoje não conversa comigo”.

## 3 - As garotas e a (falta de) orientação sexual

*Astártis*, 18 anos 1º grau incompleto, 5º mês de gravidez.

“Lá em casa ninguém me falava nada, ele... o parceiro... também não tinha preocupação...”

*Antígona*, 15 anos, 1º grau incompleto, 3º mês de gravidez.

“A minha mãe não conversava dessas coisas... de como evitar filho... comigo, nem as outras pessoas.”

*Tamires*, 16 anos.

“(...) a nível de orientação eu nunca tive em casa, nunca ninguém chegava pra mim, meu pai, minha mãe e falavam ‘olha isso aqui você não pode fazer’... em casa ninguém me explicava nada”.

*Jocasta*, 18 anos.

“(...) nunca tive orientação dos meus pais”.

*Pamina*, 17 anos,

“(...) minha mãe sabia que eu fazia... sexo... eu também nem sabia o que eu ia fazer, na hora... da relação... eu nem pensei”.

#### **4 - A visualidade do futuro pelas garotas após a gravidez**

*Tamires...*

“(...) mais pra frente, talvez, quando o bebê ficar grande, aí pode ser que eu venha a fazer algum curso (...) aí eu volto a trabalhar, dou um tempo nos estudos, aí depois eu volto se tiver condições (...)”.

*Perséfone...*

“Eu pensava em estudar, fazer Direito (...) agora mudou, não garanto mais fazer Direito, perdi a vontade .....

*Ísis*, 20 anos, 16 anos, 1º grau incompleto, filho com 1 ano.

“(...) hoje eu me arrependo de ter largado dos estudos, mas também eu penso em voltar a estudar (...) vou esperar ele... (o bebê)... crescer um pouquinho, aí eu volto... a estudar .....

*Jocasta...*

“(...) sinto muita tristeza de saber que muitas coisas vão ser diferentes, não vou mais poder sair, passear, posso até sair, mas não vai ser a mesma coisa, tenho o filho pra cuidar (...)”.

#### **5 - Os rapazes perante a paternidade**

*Caio*, 21 anos, 3º grau incompleto, parceira grávida de 5 meses.

“Agora superada em parte a maioria dos problemas, tenho grande expectativa em relação ao nascimento do meu filho, bastante ansiedade e

alegria (...) A Perspectiva de ser pai me cativa e amedronta, pois a responsabilidade aumenta a cada dia...”.

*Creonte*, 21 anos, 3º grau incompleto, parceira grávida de 7 meses.

“Eu ‘tô’ me sentindo meio assim... você se altera muito, eu ‘tô’ me sentindo assim com uma carga muito maior de responsabilidade...”

*Febo*, 18 anos, 1º grau incompleto, filho com 1 ano.

“Para mim ser pai é uma coisa boa, é uma emoção diferente, é uma nova vida que a gente aprende a levar... é uma vida de mais responsabilidade”.

*Laio*, 20 anos, 3º grau incompleto, o filho tem três anos.

“(...) as coisas aconteceram numa rapidez muito grande e quando ele nasceu fiquei perplexo: ‘eu pai?’”.

## 6 - A reação das famílias dos rapazes

*Caio*...

“(...) a grande maioria da minha família de chocou diante da notícia”.

*Creonte*...

“(...) as famílias... aceitaram super bem”.

*Laio*...

“Sofremos muita pressão psicológica no início da gravidez, pois não éramos casados e a gravidez surgiu”.

## COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS

### Análise Ideográfica e Nomotética

Os discursos apresentados na Categoria 1 mostram-nos que, para as garotas entrevistadas, a gravidez foi, de maneira geral, inesperada, ou pelo

menos, não planejada para aquele momento. A reação pessoal diante da gravidez foi de surpresa, espanto, e as garotas apresentaram geralmente a idéia de que uma gravidez nunca ocorreria com elas, mas sempre com “as outras”, idéia esta presente entre as jovens entrevistadas, a que também é citada nos estudos de TAKIUTI, s/d a DESSER, 1993. Esta atitude revela-nos um modo de existência marcado pela inautenticidade, pois as jovens parecem não se perceber enquanto sujeitos participantes e responsáveis pelo próprio corpo e pela gravidez. Podemos perceber mais claramente este acontecimento nas falas de *Ishtar* que achava “quo a coisa não era séria”, *Tamires* que afirma que a gravidez “aconteceu” e *Jocasta*, que falou “eu não pensei se eu podia ficar grávida...”.

O ser humano não tem como escapar ao fato de ter sido lançado no mundo, essa é a sua *facticidade*. Nesse estado inicial, que necessariamente não o é percebido pelo ser humano ao longo de sua existência, ele se confunde com as coisas e pessoas que o rodeiam, repetindo o que os outros lhe dizem. É o que os discursos das jovens nos evidenciam, mergulhadas no mundo de impessoalidade, não se percebem enquanto seres diferenciados dos outros, com responsabilidade sobre o seu próprio modo de ser. As reações diante da gravidez revelam que a sexualidade e a própria existência em seu cotidiano são marcadas pela indiferença e alienação.

As famílias (Categorias 2 e 6) também apresentaram reação semelhante à das garotas, surpreendidas logo após saber da gravidez, algumas até reagindo de maneira negativa, como nos mostrou *Ishtar* “a reação da minha sogra foi tão violenta que não sobrou coragem para contar para minha própria mãe” a *Helena* que disse: “meu pai queria me ‘matá’, é dessas pessoas preconceituosas”. Mesmo assim, acabaram por aceitar a maternidade ou paternidade dos filhos.

Essa aceitação merece ser analisada mais profundamente.

Ao longo do processo sócio-histórico e cultural vivido pela humanidade, a sexualidade humana sempre foi e é regida por normas e leis, que permitem determinadas práticas e reprimem outras. Este processo é marcado em nossas práticas atuais pela tradição cristã, a qual ao longo de seu surgimento e expansão foi influenciando cada vez mais as práticas sexuais, de acordo com a época e ideologia vigentes (CHAUÍ, 1984).

O sexo, de pecado, tornou-se mal necessário, desde que sua prática acontecesse na instituição casamento, sempre com fins procriativos. Este discurso, sobre novas roupagens, com diferenças na tonalidade, permeia ainda hoje nossas práticas sexuais.

Neste sentido, deparar-se com uma gravidez na adolescência, é deixar à mostra uma série de atitudes que não são bem vistas socialmente.

Para a garota é ter que assumir publicamente que não é mais virgem, que está tendo vida sexual ativa sem pensar na procriação; é ter que assumir que não age conforme as normas vigentes. Os pais, além de ter que reconhecer a prática sexual dos filhos, acabam também por ter que cuidar do bebê, já que os jovens pais dificilmente têm condições econômicas para assumir todas as despesas.

Os pais defrontam-se com a realidade atual na qual apesar da existência dos discursos mais amigos, que são bastantes nas práticas sexuais a que defendem a restrição da prática sexual, há um novo discurso que está pedindo cada vez mais um espaço.

Em relação à orientação sexual (Categoria 3), os discursos das garotas evidenciam que é praticamente inexistente em seu dia-a-dia a oportunidade de conversarem sobre suas dúvidas a respeito da sexualidade com pais e professores. O sexo é ainda hoje um assunto polêmico, e as pessoas têm dificuldade de abordá-lo. Os jovens, com ou sem oportunidade de obterem informações e poderem conversar sobre o sexo, estão tendo relações sexuais.

Muitas pessoas acreditam que o importante é fornecer aos adolescentes informações sobre anticoncepcionais, fisiologia humana ou transmissão de DSTs\*. Estas informações são importantes, porém não só elas. Muitos jovens conhecem os nomes dos órgãos reprodutivos, vários anticoncepcionais e mesmo assim engravidam ou têm uma DST. Deve-se levar em consideração que a sexualidade humana não se resume apenas à fisiologia e à prevenção, mas sofre grande interferência de aspectos afetivos, preconceitos, normas morais, vigentes em diferentes épocas e culturas.

Assim, os jovens muitas vezes preferem não perguntar aos pais ou professores com medo de serem repreendidos; sentem-se mais à vontade para conversar com um amigo, geralmente tão mal informado, ou com tantas dúvidas, quanto eles próprios. E vemos, então, jovens e adultos percorrendo o caminho de suas existências, envoltos pela inautenticidade, numa sociedade que incentive o aqui e o agora, não lhes possibilitando momentos de reflexão, de análise do contexto em que vivem.

Neste estudo, buscamos compreender não só a maternidade, mas também a paternidade na adolescência. Entretanto, só nos foi possível obter quatro (4) depoimentos dos rapazes. Dessa forma, em primeiro

---

\* Doenças Sexualmente Transmissíveis.

lugar, deparamo-nos com este fato significativo: a dificuldade de contactarmos jovens pais dispostos a relatar suas experiências em relação à paternidade.

Os discursos dos rapazes que participaram dessa pesquisa revelam que a gravidez da companheira modificou de forma significativa suas vidas. Caio disse que “(...) a perspectiva de ser pai me cativa e amedronta, pois a responsabilidade aumenta a cada dia...”, *Creonte* disse estar se sentindo “com uma carga muito maior de responsabilidade”, para *Febo* “ser pai é uma coisa boa, é uma nova vida (...) de mais responsabilidade” e *Laio* disse que as coisas aconteceram muito rápido e “fiquei perplexo: ‘eu pai’”.

As convergências das falas mostram-nos que, com a gravidez da parceira, a responsabilidade dos rapazes aumenta, quando resolvem assumir a paternidade. Os pais entrevistados destacaram este aspecto de mudança em suas vidas, entretanto nós nos deparamos com o silêncio dos demais pais que foram convidados a falar sobre suas experiências. O que os levou a esse silêncio?

Este silêncio é bastante significativo, pois ele nos mostra a permanência dos valores contraditórios na nossa sociedade no que se refere à sexualidade, tal como já citamos anteriormente, ou seja, apesar da busca da igualdade entre homens e mulheres, o silêncio dos rapazes revela-nos que eles não estão sendo educados para ser pais ou para dividir responsabilidades com as mulheres. Apesar das mudanças inseridas ao longo da Revolução Sexual, as idéias e valores existentes anteriormente a ela continuam a exercer suas influências em nosso dia-a-dia.

O cuidado a preocupação com os filhos, por exemplo, são considerados por muitas pessoas como responsabilidade e função da mulher. Mesmo com a participação cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho, o que ocorre é que poucos são os homens que dividem com as mulheres trabalhadoras as tarefas domésticas.

A paternidade, tal qual a concebemos hoje, enquanto uma possibilidade de expressão afetiva, é um conceito recente. Em relação à preocupação com a descendência, de maneira a que os bens pudessem permanecer com a mesma família, o conceito de paternidade aparece desde os primórdios do judaísmo, sofrendo modificações ao longo do processo histórico (ARIÉS, 1981). Nessa época a demonstração de afeto do pai para com o filho não era comum. Ainda hoje é mais marcante a figura materna como responsável pelo cuidado e relações afetivas com os filhos.

Diferente das meninas, que desde pequenas são educadas e preparadas para ser mães, os rapazes poucas, senão nenhuma oportunidade têm de pensar a respeito da paternidade.

Esse modo de ser reflete-se na falta de responsabilidade quanto à tomada de precauções em relação a uma gravidez não planejada, e até no próprio silêncio desses jovens. Para ocorrer uma gravidez é necessária a participação de um homem e de uma mulher, entretanto a cobrança recebida pela garota em relação à responsabilidade, aos cuidados para evitar uma gravidez é muito maior do que a que o rapaz recebe. Afinal, quem é que fica grávida? Quem é que tem a criança? A gravidez é visível, maternidade é um fato que não pode ser escondido, já a paternidade... O rapaz pode se negar a assumir a paternidade, afinal, “quem garante que aquela criança é realmente filha dele?”.

Após a gravidez, como revela a Categoria 6, as garotas vivenciaram mudanças em seus planos para o futuro. Mudanças que não eram esperadas, nem foram planejadas, evidenciando-nos mais uma vez uma postura de inautenticidade em relação ao modo de expressarem sua sexualidade. A percepção de si enquanto sujeitos de sua sexualidade, responsáveis pelos seus atos é praticamente inexistente e os planos para o futuro tornam-se vagos, ficam à mercê do que ocorrer após o nascimento do filho, ou após o bebê crescer. *Tamires* diz: “mais pra frente, talvez, quando o bebê ficar grande” pode ser que “venha a fazer algum curso” ou “volto a trabalhar”, isso se “tiver condições”. *Isis* disse “vou esperar ele... o bebê... crescer um pouquinho aí eu volto... a estudar”. *Perséfone* queria fazer faculdade de Direito, mas disse que “agora mudou, não garanto mais fazer Direito, perdi a vontade”.

Estas mudanças nos projetos de vida revelam que em primeiro lugar, os planos para o futuro ainda eram bem vagos, talvez em processo de amadurecimento. Fazer uma faculdade, fazer algum curso, trabalhar, essas metas se modificaram com a gravidez. O futuro, após a gravidez, ficou na dependência do nascimento do bebê, de seu crescimento... A gravidez que “aconteceu” transformou a trajetória de vida dessas garotas e muitas possivelmente não voltarão a estudar.

## HORIZONTES

Esta pesquisa revelou-nos que o modo de ser dos adolescentes entrevistados, de maneira geral, é marcado pela inautenticidade.

A gravidez não é esperada, a falta de planejamento da mesma faz com que os projetos de vida venham a ser modificados. As garotas acabam por interromper os estudos, se não totalmente ao menos, durante a gravidez e os primeiros meses de vida do bebê. A participação e apoio da família tornam-se essenciais, já que os jovens ainda com escolarização incompleta não têm como se manter economicamente.

A orientação sexual torna-se premente, orientação vista aqui não só como informação de fisiologia, ou prevenção de doenças a uso de anticoncepcionais. A informação faz parte de um processo mais amplo em que os jovens possam contextualizar as informações com as suas experiências, o que envolve dúvidas, receios, fantasias, conflitos...

Quando falamos da sexualidade do adolescente, não deixamos de falar da nossa própria sexualidade.

Falar em orientação sexual, em educação é fácil, como vemos atualmente na mídia e também em muitos locais que se propõem realizá-la. Difícil, no entanto, é sua práxis, já que ela envolve uma reflexão do que significa a sexualidade em nossa vida, uma visão crítica a respeito de sua inserção num contexto mais amplo.

Os adolescentes, e não só eles, questionam sobre as práticas atuais levando-nos a re-pensar nossas práticas e idéias. Entretanto, é possível abriremos espaço para nós e para eles à medida que nos despirmos de nossos próprios receios, medos, preconceitos e mostrarmos que também não sabemos tudo a respeito da sexualidade, mas que estamos dispostos a trocar experiências.

Com base nesse espaço poderá ser possível uma vivência da sexualidade com mais responsabilidade, tanto pelas garotas como também pelos rapazes, em que a anticoncepção seja co-responsabilidade.

Torna-se cada vez mais presente este espaço para a reflexão *junto* aos jovens, uma vez que o número de gestação na adolescência tem crescido e a AIDS está em nossas vidas, merecendo especial atenção.

É na adolescência que o futuro torna-se preocupação maior por parte de garotas e rapazes e para vivê-lo é importante viver bem o presente.

Os jovens entrevistados anseiam por maior diálogo, orientação e espaço. Os pais geralmente acabam por assumir as responsabilidades dos filhos, quando abrigam a jovem família. Este fato revela uma postura que reforça uma postura inautêntica por parte dos jovens, já que eles acabam por não assumir responsabilidades. O contexto social, que não possibilitou aos adolescentes a prevenção da gravidez, acaba por reforçar a inautenticidade também após ela ter ocorrido.

Numa sociedade em que o status adulto é adquirido cada vez mais tarde, principalmente nos estratos sócio-econômicos mais elevados, é importante que os jovens tenham alternativas para suas vidas e que vivenciem sua sexualidade, sim, mas com responsabilidade consigo e com as outras pessoas. Este contexto tem aumentado em complexidade à medida que a realidade social tem sofrido mudanças. A competitividade do mercado, a crescente especialização profissional vão exigindo graus cada vez maiores de escolaridade por parte dos estratos médio e alto da sociedade, ao mesmo tempo que tem diminuído as possibilidades por parte dos membros das classes sócio-econômicas de baixa renda.

Sendo assim, apesar de biologicamente os adolescentes estarem aptos a ter filhos, as possibilidades financeiras lhes são cada vez mais remotas, ou seja, o período da adolescência, por parte dos jovens de classe sócio-econômica média e alta é estendido. Apesar disso, as relações sexuais ocorrem em idade cada vez mais baixas, e isto em todos os estratos sociais. O mesmo ocorre com a gravidez precoce, o que faz com que seja premente a busca de práticas que minimizem essa situação.

Vemos no diálogo a possibilidade de busca de caminhos que possibilitem o repensar das práticas atuais. Apesar de adultos e adolescentes viverem numa sociedade que prioriza as mudanças rápidas, o diálogo poderá servir de trilha para possibilitar uma reflexão conjunta e de alternativas para a qualidade de vida de todos em relação a uma maior autenticidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (1982). *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas.
2. ARIÉS, P. (1981). *História social da criança e da família*. RJ, Guanabara.
3. BEAINI, T. C. (1981). *A escuta do silêncio* (Um estudo sobre a linguagem no Pensamento de Heidegger). SP, Cortez, Autores Associados.
4. BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. C. e FRANÇA, C. (1995). Educação sexual numa visão mais abrangente. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. v. 6, n° 1, pp. 61-66.
5. CHAUI, M. (1984). *Repressão sexual - Essa nossa (des)conhecida*. SP; Brasiliense.
6. DESSER, N. A. (1993). *Adolescência sexualidade e culpa*. RJ, Rosa dos Tempos; Brasília-DF. Fundação Universidade de Brasília.

7. ERIKSON, E. (1970). *Identidade juventude e crise*. RJ, Zahar.
8. FREUD, A. (1982). *O ego e seus mecanismos de defesa*. RJ, Imago.
9. GALLATIN, J. (1981). *Adolescência e individualidade*. Uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência. SP, Harper & Row do Brasil.
10. LAGOA, A. (1991). Meninas e grávidas. *Nova Escola*. SP, ano VI, n° 52, pp. 10-25, out.
11. MARTINS, J.; BICUDO, M. A. (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia - Fundamentos e recursos básicos*. SP, Moraes, EUC (Editora da PUC-SP).
12. MENEZES JR., A. de (1987). *A conquista da autenticidade em Heidegger*. Dissertação de mestrado: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-UFMG. Belo Horizonte-MG.
13. STONE, L. J.; CHURCH, J. (1972). *Infância e adolescência*. Belo Horizonte-MG, Interlivros.
14. TAKIUTI, A. (s/d). *A adolescente está ligeiramente grávida. E agora?* (Gravidez na Adolescência). SP, Iglu.
15. TAQUETTE, S. R. (1991). *Sexo e gravidez na adolescência*. Estudo de Antecedentes Bio-Psico-Sociais. Dissertação de Mestrado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP.
16. VITIELLO, N. (1988). *Adolescência hoje*. SP, Rocca.